



MINHA HISTÓRIA COM A PLURA, REVISTA DA ABHR: MEMÓRIAS E APONTAMENTOS

My history with Plura, the ABHR journal: memories and notes

Arnaldo Huff*

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

DOI: 10.29327/256659.15.1-11

RESUMO:

O texto apresenta uma reflexão acerca dos anos em que o autor foi o editor-chefe de “Plura, Revista de Estudos de Religião”, periódico da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). O texto está dividido em duas partes. Na primeira, são organizadas memórias dos processos e experiências na editoração da revista. Na segunda, apontamentos são elencados, buscando uma reflexão crítica e criativa acerca dos processos editoriais

Palavras-Chave: Editoração; Periódicos; Plura; ABHR.

* Editor-chefe da Plura entre os anos de 2009 e 2015. Professor no Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde desenvolve atividades de pesquisa e docência nos campos de religião e arte, religião e música, protestantismo e teoria da religião. Músico e produtor musical. E-mail: arnaldo.huff@ufjf.edu.br

AS MEMÓRIAS

Era uma vez, há muito tempo atrás... Rubem Alves gostava de citar essa expressão clássica do início dos contos infantis como uma fórmula mágica que instaura algo que está ausente, a presença da ausência. Já é assim que se apresentam a mim as memórias dos inícios da revista Plura. Tentarei juntar algumas delas nestas breves páginas.

Me tornei editor por acaso, no tempo em que era aluno de doutorado, no PPG em Ciência da Religião da UFJF. Sem conhecer quase ninguém em Juiz de Fora e recém-chegado de Porto Alegre, soube de uma reunião para a criação da revista dos alunos do PPCIR. Como queria conhecer pessoas e me entrosar, logo me interessei. O que não sabia era que eu seria o único doutorando presente, motivo pelo qual fui escolhido como editor responsável pela criação do que veio a se tornar a “*Sacrilegens*, Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF”. Penso que o motivo de minha indicação foi o fato de que doutorandos permanecem mais tempo nos PPGs, 4 anos, ao passo que mestrados ficam normalmente apenas 2 anos. Eu teria, nesse sentido, mais tempo que os demais para dar sequência ao projeto. Funcionou. O primeiro número da *Sacrilegens* veio a público em 2004, abrindo com uma entrevista vibrante com o saudoso prof. Antonio Gouvêa Mendonça, de passagem por Juiz de Fora para participar de uma banca de mestrado. Além de mim, dois outros estudantes que colaboraram com artigos publicados naquele primeiro número são hoje professores da casa: a profa. Sônia Correa Lajes e o prof. Emerson Sena da Silveira.

Essa é uma coisa interessante em revistas acadêmicas que logram continuidade: elas atravessam a história de vida dos pesquisadores; se tornam verdadeiras instituições, desde as mais modestas até as mais celebradas. No corrente ano de 2024, portanto vinte anos depois da fundação da *Sacrilegens*, terei meu primeiro artigo nela publicado, numa conversa com Rubem Alves, Nietzsche e Caetano Veloso, sobre música e esperança. Como a *Sacrilegens*, assim também a Plura garantiu o seu lugar no contexto acadêmico dos periódicos.

Na época, da criação da *Sacrilegens*, ainda, os processos editoriais eram pouco sistematizados, o que deixava um novato como eu em maus lençóis. A *Sacrilegens* nasceu, por exemplo, sem a dupla revisão cega por pares, hoje tão comum a todos. Bastava apenas a indicação de um professor orientador para que o texto fosse aceito. As funções editoriais

eram assumidas em um modo prático, sem clara diferenciação entre edição de texto, edição de layout, etc. Já quanto ao papel dos editores, penso que paira ainda hoje uma certa névoa.

Quatro ou cinco anos depois do aparecimento da revista *Sacrilegens*, já no contexto de criação da Plura, o cenário se transformara drasticamente. O fator decisivo nessa mudança foi, na minha percepção, o surgimento da plataforma SEER. Conforme o site do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia),

O Sistema de Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) é resultado da prospecção tecnológica realizada pelo IBICT para identificar aplicativos que possibilitassem o tratamento e a disseminação da produção científica brasileira na Web. O sistema SEER surgiu, assim, em 2003, a partir da customização do Open Journal Systems (OJS), software de gerenciamento e publicação de revistas eletrônicas desenvolvido pelo Public Knowledge Project (PKP), da University of British Columbia. Trata-se de uma inovadora iniciativa do IBICT que, imediatamente após a tradução do software OJS para o português, publicou na Web o primeiro periódico brasileiro utilizando essa tecnologia, a revista *Ciência da Informação*. A partir de então, o IBICT iniciou o processo de distribuição do SEER a editores brasileiros interessados em publicar revistas científicas de acesso livre na Web e a promover a capacitação técnica no uso dessa ferramenta, em treinamentos sistemáticos realizados a partir de novembro de 2004 em várias regiões do País. Em 2009, com apenas 5 anos de existência, o SEER propiciou a criação de mais de 800 periódicos científicos brasileiros na Web.

A revista Plura faz parte desta estatística. O mencionado *Open Journal System* (Sistema Aberto de Revistas), por sua vez, desenvolvido no contexto do *Public Knowledge Project* (Projeto de Conhecimento Público), está ligado à atuação do pesquisador canadense John Willinsky, com apoio da instituição em que trabalhava, a Universidade da Colúmbia Britânica. À boca miúda, falava-se à época que o OJS havia surgido pela mão de um experiente pesquisador canadense, ligado à área das ciências naturais, que havia se unido a um jovem “nerd” da informática. Deve haver nisso um pouco de verdade. O fato é que, hoje, tanto a *Sacrilegens*, quanto a Plura habitam o mundo do SEER e têm suas atividades por ele facilitadas.

Pois bem, deu-se que, em 2008, quando eu era professor no hoje extinto PPG em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o IBICT ofereceu nas dependências daquela instituição um treinamento para operação do SEER. Era, visivelmente,

uma grande inovação, que constituía uma possibilidade efetiva e prática de operacionalização para as revistas brasileiras, além de se tratar de um software livre que viabilizava também a divulgação científica gratuita. Tratava-se claramente de uma possibilidade de maior profissionalização dos processos editoriais no país, bem como de ampliar o alcance da produção acadêmica.

Mais ou menos à mesma época, iniciaram as conversas sobre a criação da revista da Associação Brasileira de História das Religiões. A associação chegava ao fim de sua primeira década de existência, em uma trajetória crescente e consistente, com eventos regulares, de participação significativa em termos numéricos, integrando estudantes desde a graduação até o doutorado junto de pesquisadores com larga experiência, advindos todos de diversas áreas acadêmicas. A ABHR, nesse percurso, deixara sua configuração original, mais próxima da História, para acolher pesquisadores e pesquisadoras das Ciências Sociais, da Teologia, das Ciências da Religião e de outras áreas das humanidades e das letras.

Dos debates acerca da criação da Plura, além de mim, participaram os colegas Lyndon Araújo (então presidente da ABHR), Wellington Teodoro (secretário), Lauri Wirth, Frank Usarski e Silas Guerriero (membros do conselho editorial, se estou correto). São os nomes que me vêm à mente. Peço desculpas se incorro em algum erro ou esquecimento, o que é mais que provável. Estas eram algumas das pessoas que estavam à frente da associação e que me confiaram o cargo de editor, posteriormente ratificado em assembleia.

Levantar uma revista do zero não é tarefa fácil. Tudo precisa ser discutido, desde o nome, até a linha editorial. Alguns fatores, porém, facilitaram o nascimento da Plura. Primeiramente o fato da revista já ter nascido no ambiente do SEER. O sistema era ainda pouco conhecido e o treinamento que recebera do IBICT foi fundamental. Todo o processo editorial foi facilitado, nesse sentido. Precisávamos apenas de um servidor, o que foi prontamente assegurado pela associação.

Outro fator importante naquela configuração inicial foi o próprio perfil da ABHR, transferido à revista. A associação tornara-se um polo de produção de conhecimento interdisciplinar sobre a religião, com publicações regulares de anais e livros. A revista, nesse sentido, não podia ficar presa à ideia de uma história da religião *stricto sensu*, afiliada à disciplina da História. Assim também não poderia ater-se apenas à concepção de História das Religiões, no sentido que Mircea Eliade empregava à expressão. A participação massiva

na associação de pesquisadores de diversas áreas apontava nessa direção. Tal questão foi essencial, por exemplo, na escolha da designação “Revista de Estudos de Religião”, e não de “História das Religiões”, segundo o nome da própria associação. Foi o fator fundamental também na sugestão que dei como editor para o nome da revista, Plura, em latim, uma das formas plurais de Plus: mais numerosos; um maior número de; vários; muitos. O nome foi discutido intensamente, por e-mail, e aceito após se chegar a um consenso.

Ainda um outro elemento facilitador foi a própria natureza da ABHR, que era afinal uma associação nacional de pesquisadores ligados a diversas universidades bem credenciadas, e já com dez anos de existência. Esse fator foi fundamental para angariar simpatias e adesões em termos de submissão de artigos. Nos dois primeiros números, por exemplo, conseguimos já a participação de big shots como Otávio Velho e Ciro Flamarion Cardoso. Muitas pessoas, de fato, colaboraram espontaneamente ao longo desses anos todos. Penso que o nome da ABHR tem impacto nesse sentido.

Passamos logo a publicar também textos em idiomas estrangeiros, como inglês, espanhol e italiano, o que atesta ainda certa visibilidade e abrangência, tanto da Plura, quanto da ABHR. Não fossem submetidos textos de outros países para publicação, isto serviria como indício de que a revista não era conhecida minimamente fora do Brasil.

A Plura foi, assim, naqueles primeiros momentos, ganhando forma e conteúdo. Foi o prof. Valdevino Albuquerque Junior, à época estudante de mestrado no PPCIR, e que vinha da área de comunicação, quem criou a primeira arte, que conferiu a identidade visual da revista durante vários anos.



Seguindo os sentidos da proposta inicial, fomos dando também corpo ao conteúdo da revista de modo a acolher abordagens múltiplas da religião, em termos teórico-metodológicos e disciplinares. Passamos, assim também, a publicar textos dedicados às mais diferentes tradições religiosas, sem hierarquizá-las. Diversidade era a palavra de ordem.

Vale lembrar que não faltaram críticas, no sentido de que a Plura estava se afastando da proposta original da ABHR e rompendo com a possibilidade de criar uma identidade mais alinhada à escrita da história. Penso que a crítica vinha envolta em um subtexto que revelava certo temor em relação a abordagens religiosas ou, tanto pior, teológicas da religião. “Contaminadas”. O “horror da teologia”. Estaria a ABHR correndo o risco de ser dominada pelos cientistas da religião? O distanciamento científico-acadêmico deveria ser assegurado, na perspectiva daquela crítica. Alguns ainda veem a história como a mais positiva das disciplinas humanas. Penso que era essa, ao menos em parte, a preocupação em questão.

Para mim, que tenho um pé na ciência da religião e na teologia e outro na história, era clara a falácia do problema levantado naquela crítica. Estávamos todos comprometidos, afinal, desde os marxistas, os culturalistas ou os agnósticos, até os fieis praticantes das mais diferentes tradições religiosas que, como eu, se tornavam pesquisadores – e, portanto, esposavam também alguma perspectiva teórica, nesse sentido. A questão mais fundamental era o trato teórico-metodológico que se dava à religião, não a filiação intelectual ou um desejo possível de neutralidade. Por isso, enquanto permaneci como editor, mantive-me fiel ao projeto inicial, a despeito das críticas – que de fato, nunca chegaram a se formalizar como proposta à assembleia da associação.

Um dos desafios mais centrais para a administração de uma revista é a relação entre recursos financeiros e recursos humanos. No período em que fui editor, a Plura não contou com nenhum tipo de apoio financeiro. Ou seja, o trabalho de todos os colaboradores era totalmente não-remunerado. Isso incluía a comissão editorial, os editores de texto, os editores de layout e todos os pareceristas. Estive à frente da revista entre seu processo de criação, a partir de 2009, e a publicação do volume de 2015, mais ou menos. Permaneci ainda mais alguns anos como membro da comissão editorial, mas não como editor-chefe, função assumida então pelo prof. Ismael Vasconcelos Ferreira.

Uma estratégia recorrente para conseguir colaboradores para as atividades dos periódicos é a de envolver orientandos, bolsistas e pós-graduandos em geral. O lado bom é que muitas destas pessoas chegam com ânimo e força, com vontade real de aprender e de ajudar. Tornam-se, assim, ótimos colaboradores. O lado negativo é que a colaboração é quase sempre amadora ou iniciante, inexperiente, o que pode comprometer o trabalho,

caso não haja supervisão atenta dos mais antigos, o que acontece com certa frequência. Os colaboradores que se destacavam, acabavam por assumir, com o tempo, funções mais centrais no processo editorial, ou mesmo na diretoria da associação. Esse foi o caso, por exemplo, do próprio prof. Ismael Vasconcelos, que iniciou na edição de layout, passou por todos as etapas do fluxo editorial e chegou a editor-chefe da Plura, cargo que ocupou com excelência durante anos. Em linhas gerais, trata-se de uma experiência acadêmica intensa, trabalhosa e de muito aprendizado.

O editor-chefe, ao menos na prática da Plura daqueles tempos, era quem assumia o trabalho mais pesado e as principais responsabilidades. Além das pessoas aqui já mencionadas, outras que de alguma forma colaboraram na comissão editorial da revista no período em que fui editor, foram, o quanto posso lembrar, os colegas Fábio Py, Carlos Caldas, Fábio Abreu e Eduardo Meinberg. Houve, por certo, outras pessoas, mas precisaria consultar as atas das assembleias da associação para obter informações mais acuradas, o que no momento não está ao meu alcance.

Deixei a administração da revista no momento em que nasceu minha filha mais velha, Cecília. Durante aquele período editei mais de uma dezena de números da Plura. Aprendi muitas coisas. Trabalhei duro para que a revista atingisse ainda muito cedo a avaliação “B1” junto à Capes, na área que é hoje a de “Ciências da Religião e Teologia”, mas que à época chamava-se “Filosofia, subárea: Teologia”. O conceito “B1”, na configuração vigente do Qualis Periódicos, equivale a “A3”, que é a avaliação que a Plura mantém. Li inúmeros textos que não leria, não fosse a responsabilidade de editor da Plura. A visão que se têm nessa posição acerca da área dos estudos de religião é privilegiada. Também conheci muitas pessoas, algumas ainda trago comigo. Pude vislumbrar as redes que se estavam conformando e participar de algumas delas. A bagagem é inestimável.

APONTAMENTOS

Uma questão interessante é sobre o que leva alguém a querer tomar parte no trabalho dos periódicos acadêmicos. Em alguns casos, os colaboradores são designados e pagos por seu trabalho. Isso pode ser parte de atribuições de docentes em universidades ou de técnicos administrativos indicados para trabalhar nos periódicos, parcial ou integralmente. Em outros casos, como no da Plura, que não está ligada diretamente a nenhuma universidade,

apenas à própria ABHR, e que não tem aporte financeiro regular, as pessoas colaboram no corpo editorial porque querem, porque gostam, porque acham importante, porque acreditam. O ganho é tão somente de capital simbólico, poderia dizer junto de Bourdieu. O interesse é de outra ordem. O jogo tem um sentido próprio. Seria ideal que todos fossem remunerados pelo seu trabalho em uma revista, desde as equipes editoriais até os pareceristas, anelamos por isso; mas, creio eu, o elã pela atividade editorial é imprescindível.

Ao fim, penso haver algo gratuito que fundamenta a atividade acadêmica como um todo. Alguns chamam isso de paixão intelectual. O gosto por aprender, o gosto por ensinar. A brincadeira dos mundos em expansão; de nossos pequenos mundos etnocêntricos abrindo-se ao universo, à imaginação, à crítica, à criatividade. Se é bem verdade que o labor acadêmico tem seus rigores e métodos, que exige disciplina, também o é que, quando se perde a dimensão lúdica, a universidade e o conhecimento morrem um pouco, perdem vida e dinâmica.

Quando a universidade se encerra em seus próprios rigores e cânones e perde sua conexão com o sentido maior e mais profundo de aprender e ensinar, de pesquisar e escrever, aquele que tem o ser humano como seu mote, ela perde seu sentido fundamental, tornando-se um fim em si mesma. Os teólogos dão a isso o nome de idolatria. Daí a importância de lembrar a dimensão de gratuidade do trabalho editorial. Não é demais lembrar, mesmo assim, que a criação e a manutenção de uma revista acadêmica são do interesse de todos os pesquisadores e pesquisadoras. Precisamos todos e todas, afinal, dos periódicos funcionando e bem administrados. Uma revista executada em nível de excelência é essencial à vida universitária.

Um ponto crítico que percebo, depois de todos esses anos colaborando em equipes e projetos editoriais, diz respeito aos papéis exercidos no processo editorial, ou seja, quais atribuições são devidas a esta ou aquela função. Penso que temos nesse quesito ainda algo importante a melhorar. Começamos com os pareceristas. Quem nunca recebeu um parecer raivoso, ácido ou ressentido? Ou, ainda de outra forma, será que por vezes não incorremos todos no erro de confundir uma avaliação técnica – como deveria ser um parecer de artigo – com questões de foro pessoal e de simpatias idiossincráticas, como aquelas que nos levam a esposar essa ou aquela perspectiva teórica ou metodológica? Já emiti, li e recebi pareceres suficientes para saber que há problemas pendentes nessa seara. Há pareceres superficiais, mesmo irresponsáveis, demasiadamente rápidos.

Há aqueles que esperam que o texto seja reescrito na perspectiva esposada pelo parecerista, como se essa fosse a última verdade da humanidade. Há pareceres simplesmente desinformados, ruins mesmo. Pareceres com erros de português são comuns demais, aqueles que se autodesacreditam. Há os inflamados, autorreferenciados, grosseiros, aqueles que não conhecem a generosidade e o diálogo. Alguém poderá contra-argumentar, talvez com alguma razão, que se trata de uma questão de sobrecarga. São muitas as funções assumidas por todos, e se amontoam as tarefas por fazer. Também, que raramente recebe-se algum pró-labore pela elaboração de pareceres às cegas. O que da mesma forma é verdade. Acho, mesmo assim, que a filosofia do “uma-mão-lava-a-outra” vale bem para esse caso. Afinal, vamos continuar precisando de pareceristas disponíveis, e que tipo de parecer gostaríamos de receber? Em termo ideais, é fácil responder: um parecer bem informado, experiente, elaborado com cuidado, preciso, simultaneamente crítico e dialogal, descentrado de idiosincrasias e aberto ao amplo mundo do conhecimento e das diferentes abordagens e perspectivas.

É verdade, também, por outro lado, que há textos submetidos de modo irresponsável. Em termos formais, é corriqueiro haver submissões de artigos sem suficiente revisão textual, sem atenção às normas da ABNT, sem levar em conta as normas da revista. É inclusive difícil, por vezes, manter alguma elegância editorial diante de artigos que beiram o desrespeito em termos ortográficos. As questões de conteúdo e de pesquisa são críticas da mesma forma. Artigos com problemas de clareza argumentativa, com lacunas graves de pesquisa, com dados sem referência, são também comuns demais. Isso só atesta a importância do papel dos pareceristas para o chamado “progresso da ciência”. Por isso, também deve ser parte do processo que haja textos submetidos que são reprovados pelos pareceristas.

Outro ponto fulcral, que necessita de discussão urgente, é o do lugar do editor ou da editora. Me parece que os papéis intermediários, como os de edição de texto e de layout, são de mais simples delimitação, ainda que essenciais. Todavia, onde há necessidade de decisão editorial, a questão se torna obviamente mais crítica. Fato é que não há formação para alguém se tornar editor. Por vezes demasiadamente frequentes designa-se uma pesquisadora para a direção de uma revista simplesmente como fruto da distribuição de papéis em um contexto universitário. Alguém tem que assumir a chefia de departamento,

alguém a coordenação da pós-graduação, ainda outro alguém a da graduação, e alguém deve assumir a revista. Nem sempre temos vocações ou talentos para todas essas funções. É sabido também que revistas que trocam de editor muito frequentemente têm maior propensão ao insucesso e mesmo ao encerramento de suas atividades. Há um tipo de atenção difusa e permanente que a administração de uma revista demanda. Aquele olhar de “vão de águia” por sobre todas as etapas do fluxo editorial. Um editor não tem recesso, porque o processo é contínuo. Por outro lado, a atividade editorial não é devidamente reconhecida nos processos avaliativos de pós-graduação. O “louros” da publicação de um artigo em uma revista A1 caem apenas nas mãos dos autores. Não sei se há solução fácil para isso. O fato é que, com o tempo, ser editor ou editora esgota. O sentimento é ambíguo.

Um dos pontos mais críticos do fluxo editorial, penso eu, é o da relação dos editores com os pareceristas, e as consequências desta relação para a atividade dos autores. Imagine hipoteticamente um artigo submetido a uma revista bem avaliada, do extrato superior do Qualis Periódicos, “A1” ou “A2”. O texto, todavia, é dedicado a um tema que o editor da revista não conhece em profundidade. Ele trabalha arduamente para conseguir dois pareceristas voluntários. Para tanto emite 4 ou 5 diferentes convites. Precisa pesquisar os currículos lattes dos avaliadores a cada novo convite, a fim de selecionar alguém minimamente confiável. Quando consegue dois colegas dispostos a realizar a tarefa, recebe um parecer bem feito, que aprova o artigo, e um parecer mal elaborado, que o reprova. Por questão de consciência, busca ainda uma terceira opinião, para a qual precisa fazer novas pesquisas de currículos e novos convites. Ao fim, o terceiro parecer, um tanto duvidoso, solicita que o texto seja submetido novamente. O editor tem em mãos, nesse caso, três decisões distintas, com níveis diferentes de qualidade. Na encruzilhada, ele opta por assumir a posição do último parecerista, e comunica ao autor a decisão editorial de solicitar nova submissão.

A autora, por sua vez, que não é uma pesquisadora iniciante e já trabalha há muitos anos em nível de pós-graduação, lê os três pareceres e vê com clareza que apenas o parecerista que aprovara o artigo de fato conhecia o assunto. Está acostumada com críticas e tem experiência no diálogo acadêmico, o suficiente para separar as questões de foro pessoal das de um saudável debate. Não está ressentida em termos pessoais, mas entende

também que a decisão editorial (duvidosa) de uma nova submissão implicaria em iniciar todo o processo de avaliação mais uma vez, possivelmente com novos pareceristas, se o fluxo devido for seguido. Ou seja, não faz o mínimo sentido. Decide, então, um tanto aborrecida, e com razão, encaminhar o texto para uma revista diferente.

Algumas questões diante dessa hipotética situação. Em que medida os editores se tornam reféns dos pareceristas? Qual a liberdade do editor no sentido de decidir ao revés dos pareceres, ou de modo autônomo, considerando o projeto editorial da revista? Em que medida os pareceres devem ser considerados de fato decisivos? A decisão é de quem afinal, do editor ou dos pareceristas? Como optar de modo autônomo por uma decisão editorial consistente no caso de artigos em que o editor não domine o assunto? Não há respostas exatas para estas questões, é claro. Mas elas ajudam a acercar o problema, de alguma maneira. A expertise de um editor vem com o passar dos tempos. Ela envolve anos de leitura, de pesquisa, tarimba e algum feeling, alguma intuição. Muitas vezes, porém, quando o editor encontra-se melhor preparado, ele já está também cansado da atividade. Talvez em algum momento tenhamos editores experientes o suficiente para trabalhar em forma de rodízio.

De minha parte, continuo me envolvendo em projetos editoriais diversos. Peguei gosto, como se diz, mesmo que não esteja mais à frente de um periódico acadêmico. Enquanto isso, vou tomando coragem para um dia submeter um artigo à Plura e torcer para vê-lo publicado. Vida longa à revista da ABHR.

ABSTRACT:

The paper presents a reflection on the years in which the author was editor-in-chief of "Plura, Revista de Estudos de Religião", the journal of the Brazilian Association for the History of Religions (ABHR). The text is divided into two parts. In the first, memories of the processes and experiences of editing the journal are organised. In the second, notes are listed, seeking a critical and creative reflection on editorial processes.

Keywords: Publishing; Journals; Plura; ABHR.

Recebido em 20/05/2024

Aprovado para publicação em 27/05/2024